



LITERATURA DE CORDEL: NOVOS TEMAS, NOVOS LEITORES

Alyere Silva Farias¹, José Hélder Pinheiro Alves²

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de apontar quem são os novos leitores do cordel, quais os seus interesses e o que os motiva a realizar estas leituras. O *corpus* escolhido para investigação foram os folhetos de Manoel Monteiro, Maria Godelivie e Janduhi Dantas, cordelistas que publicam folhetos na Paraíba e possuem uma produção e uma circulação significativas desde o ano 2000, configurando-se como parte dos autores mais lidos por novos leitores. Com base em entrevistas e levantamentos bibliográficos, realizou-se a análise fundamentada em reflexões de CAVIGNAC (2006), GALVÃO (2001), GARCÍA CANCLINI (2007) e AYALA (1997, 2003) e identificou-se as mudanças ocorridas nesta literatura quanto à sua função social, seus espaços de circulação, seus temas e leitores.

Palavras-chave: literatura de cordel; novos leitores; temas;

CORDEL LITERATURE: NEW ISSUES, NEW READERS

This research had the objective to point who the new readers of the cordel are, their interests and what motivates them to perform these readings. The *corpus* chosen for investigation were the leaflets by Manoel Monteiro, Maria Godelivie and Janduhi Dantas, poets who publish leaflets in Paraíba and have a significant production since 2000, setting up as part of the authors most read by new readers. Based on interviews and bibliographic surveys, the analysis was conducted from CAVIGNAC (2006), GALVÃO (2001), GARCÍA CANCLINI (2007) and AYALA (1997, 2003) and it was identified the changes occurred in this literature as to its social role, their circulation and distribution, their subjects and readers.

Keywords: cordel literature, new readers, themes.

INTRODUÇÃO

A hoje denominada Literatura de Cordel no Nordeste brasileiro configurou-se, entre o final da década de 1890 e meados da década de 1950, como o texto escrito popular em versos, geralmente sextilhas e setilhas de versos setessilábicos e impressos em folhas de jornal *in quarto*, com o objetivo de divertir e informar a população freqüentadora das feiras e assídua às cantorias, reuniões familiares e demais espaços de manifestação literária popular.

Observa-se que um olhar sobre o percurso histórico do estudo da Literatura de Cordel no Nordeste, aponta que os temas e o público dos folhetos puderam ser identificados a partir da investigação sobre as funções sociais desempenhadas por estes textos ao longo do século XX. Hipóteses sobre para quem eram escritos estes folhetos podem ser levantadas a partir da análise das marcas deixadas pelos autores em seus folhetos.

As marcas, extratextuais ou intratextuais, nos auxiliam a desanuviar a imagem do que se concebe nos estudos sobre a leitura, como *leitor implícito*, que, na Estética da Recepção de Iser, de acordo com Jouve (2002), consiste nas diretivas de leitura deduzíveis do texto, que são perceptíveis para todos os seus

¹ Aluna de Curso de Licenciatura Plena em Letras, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: alyeresf@yahoo.com.br

² Licenciatura Plena em Letras, Prof. Doutor, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: helderpin@uol.com.br

leitores, partindo do pressuposto de que a atribuição de sentido à um texto é realizada da mesma forma por todos os seus leitores.

Mesmo partindo da concepção Iseriana sobre a leitura e o leitor, consideramos que as temáticas abordadas por cada autor dos folhetos de cordel que compõem o *corpus* de nossa pesquisa ultrapassam em muito essa única perspectiva de análise e também funcionam como elementos identificadores do *leitor implícito*.

Com o objetivo de investigar, na obra de alguns poetas, a ocorrência de *novos temas* que ainda não foram incluídos na já vasta classificação das temáticas de folhetos da Literatura de Cordel, e voltando a atenção também para os apontados *novos leitores* de folhetos, desenvolvemos a presente pesquisa, restrita nesta fase à área de Campina Grande e região, um reconhecido pólo produtor de folhetos de cordel, e à produção de três autores bastante ativos no que diz respeito à publicação de novos folhetos: Manoel Monteiro, Maria Godelivie e Janduhi Dantas.

Nesta fase da pesquisa, focalizamos nosso estudo na obra do poeta Manoel Monteiro, cuja produção é bastante numerosa. Para a análise, trabalhamos com um *corpus* de 70 folhetos e partimos do pressuposto de que a paixão declarada do poeta pelo que chama de *Novo Cordel*, e consiste na utilização da Literatura de Cordel na sala de aula, seria o guia para a identificação do *leitor implícito* de seus folhetos.

Procedemos à identificação e reflexão a respeito dos elementos pré-textuais, ou sejam, a presença e disposição de elementos na capa, na contracapa e na quarta-capa (GALVÃO, 2001), em uma primeira fase da pesquisa. Posteriormente, observamos a constituição das temáticas nesse *corpus* com o objetivo de compreender, na obra de Manoel Monteiro, como se refletem as concepções do *novos*, tanto em relação aos seus leitores, quanto aos seus temas. Quanto à obra de Maria Godelivie e Janduhi Dantas, realizamos a mesma identificação aplicada à obra de Manoel Monteiro, apesar de seus títulos não serem tão numerosos quanto os do primeiro poeta.

MATERIAL E MÉTODOS

O percurso metodológico seguido compreendeu basicamente os cinco passos descritos a seguir. Inicialmente realizamos o levantamento de um *corpus* significativo de folhetos publicados, principalmente a partir do ano 2000. A determinação desta data se justifica pelo fato de querermos estudar os *novos leitores* de folhetos. Em seguida selecionamos as obras dos poetas Manoel Monteiro, Janduhi Dantas e da poetisa Maria Godelivie, cordelistas que têm uma produção significativa e constante, além de suas obras ocuparem novos espaços e circularem bastante, fato comprovando durante a pesquisa *Literatura de Cordel: Autores Paraibanos* (PIBIC/CNPq-UFCG), na qual comprovou-se a grande vendagem dos folhetos e, principalmente, a introdução destes no espaço escolar.

Os contatos com os poetas selecionados se deram através de telefonemas, encontros e troca de e-mails. Utilizamos ainda o nosso banco de dados que contém entrevistas com os poetas realizadas durante a vigência do projeto *Literatura de Cordel: Autores Paraibanos* (PIBIC/CNPq-UFCG). Os dados foram avaliados visando depreendermos quais são os leitores que os poetas têm em mente quando produzem seus folhetos, além de observarmos as condições de produção dos mesmos, atentando para os folhetos escritos por encomenda e para a ocorrência de produção de folhetos a partir de determinadas demandas sociais e/ou pessoais. Investigamos também o modo como os autores se articulam para dar visibilidade à suas produções.

O quarto passo desta pesquisa consistiu no estudo dos folhetos com o objetivo de observar a presença de elementos textuais que indiciam ou revelam o tipo de leitor previsto por seus autores. Para este estudo nos fundamentamos nas observações de Galvão (2001) a respeito dos elementos indicadores do público leitor de folhetos de cordel. Por fim foi possível observar o discurso dos poetas escolhidos a respeito de sua atuação social enquanto autores, divulgadores e comercializadores de seus folhetos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reflexão sobre o leitor de um texto literário deve, necessariamente, considerar as relações existentes entre eles, além de ser indissociável de uma breve abordagem de questões relativas à leitura, que evidenciam estas relações e, em nosso caso, ligam os dois grandes pólos de interesse de nossa pesquisa: o leitor e os temas dos folhetos de cordel.

Inicialmente, é preciso evidenciar que consideramos, nesta pesquisa, o leitor em suas duas instâncias – abstrata e real. Como instância abstrata entendemos o leitor enquanto receptor requerido e definido pelo texto lido em sua particularidade, o que corresponde ao “*leitor implícito*” de Iser (apud JOUVE, 2002), ao que Lintvell nomeia de “leitor abstrato” e remete ainda ao que Umberto Eco chama de “leitor modelo”. O leitor real, por sua vez, consiste no indivíduo, ou no público, que realiza, de fato, a leitura.

De acordo com Jouve (2002), há no texto um *leitor implícito*, o público imaginado pelo autor, que é proposto ao leitor real e este último pode assumir este papel ou recusá-lo, fechando o livro. A concepção de *leitor implícito* desenvolvida por Iser “remete às diretivas de leitura deduzíveis do texto e, como tais, válidas

para qualquer leitor”(JOUVE, 2002, p. 44), ou seja, a construção de sentidos do texto é comum a todos os leitores pois é definida pelo próprio texto, e é a relação do leitor com este sentido que consiste na porção subjetiva da recepção de um texto.

É importante salientar que não é fácil distinguir o *leitor implícito* do leitor real, visto que, quando a leitura se realiza, os dois leitores se mesclam. O *leitor implícito* para Jouve (2002) é uma conjectura que auxilia a observação do leitor real.

O leitor real enquanto indivíduo que “segura o livro nas mãos, é uma pessoa inteira que, como tal, reage plenamente às solicitações psicológicas e à influência ideológica do texto” (JOUVE, 2002, p. 49). Ele realiza efetivamente a leitura e se implica nela de forma particular. No entanto, a psicanálise defende que há constantes psicológicas invariáveis nos indivíduos que, por consistirem em sujeitos biopsicológicos, são passíveis de análise. A análise do leitor parte, portanto, necessariamente, pela identificação do *leitor implícito* em direção à recepção do leitor real (JOUVE, 2002).

A identificação do *leitor implícito* passa, em nossa perspectiva, pela identificação de elementos pré-textuais em que há referência, direta ou indireta, ao leitor. Em seguida é indispensável identificar trechos da narrativa nos quais há referências, diretas ou indiretas, ao leitor, para que se proceda à análise dos aspectos identificados e assim realizar a constituição do(s) perfil (s) do leitor dos folhetos de cordel do autor estudado.

No tocante a pesquisa em Literatura de Cordel, o estudo do *leitor implícito* observa e busca “nos próprios textos e na materialidade do impresso, marcas indicativas que permitam a reconstrução do leitor pensado pelo autor e/ou editor no momento da produção do objeto de leitura” (GALVÃO, 2001, p. 41).

Os estudos já desenvolvidos sobre a Literatura de Cordel e o seu *leitor implícito*, mesmo que não utilizem esta nomenclatura, contribuem para que seja possível identificar o pretense público-leitor dos folhetos. Do final da década de 1890 até a metade do século XX, considera-se que o leitor de folhetos, aqui entendido enquanto público consumidor desta literatura, consistia, de acordo com Galvão (2001), nos freqüentadores de feiras, mercados e demais espaços de circulação do popular, como as casas e depósitos dos poetas e as livrarias, em um primeiro momento, e os correios e demais pontos de distribuição.

Em relação ao leitor real, houve sempre certa dificuldade em se estabelecer um panorama claro, visto que para a realização desse tipo de pesquisa são necessárias entrevistas com o público da época, o que nem sempre é possível. Com base em pesquisas já realizadas a respeito do leitor real das décadas de 30 e 40 do século XX, correspondentes ao final da primeira fase da Literatura de Cordel, é possível afirmar que o público leitor de folhetos era formado predominantemente por homens, mulheres e crianças analfabetos ou semi-alfabetizados, moradores de cidades de pequeno e médio porte e da zona rural.

Depois da grande crise da Literatura de Cordel, nas décadas de 1950 e 1960, com o encarecimento dos meios de produção do folheto, época em que, coincidentemente, houve a maior difusão de novas tecnologias e novas práticas de lazer e obtenção de informações, a circulação de folhetos se amplia na década de 1970, despertando o interesse de turistas e estudantes universitários, além de seu antigo público. Galvão (2001) considera que “atualmente, os folhetos são comprados, basicamente, por turistas e estudantes” (p.41).

Após a reflexão sobre os caminhos teóricos a serem seguidos para analisar quem lê, passamos a pensar sobre o que se lê, considerando o nosso segundo aspecto, os temas presentes nas obras dos autores estudados.

A Literatura de Cordel foi, por muito tempo, alvo de estudos e classificações que se fundamentavam na recorrência de temas explorados, ao ponto da questão autoral ser desconsiderada. Hoje, de acordo com Galvão (2001), as temáticas são observadas enquanto parte da obra de cada autor, mas as classificações tradicionais servem de parâmetro para a classificação dos folhetos proposta por estudiosos como Carlos Azevedo e os ciclos temáticos da literatura de cordel e Manuel Cavalcante Proença e os três grupos da poesia popular: narrativa, didática e poemas de forma convencional. A classificação de Marlyse Meyer divide a literatura de cordel da forma tradicional, adotada também por Alves Sobrinho (2003), que diferencia apenas os romances e os folhetos. Liêdo Souza (apud GALVÃO, 2001) observa a classificação tradicional, mas elaborou uma subclassificação a partir de entrevistas realizadas com poetas, editores e vendedores de folhetos por todo o Nordeste

Para a análise dos temas e, especificamente, dos novos temas, utilizamos como base para a nossa classificação a forma tradicional, e como subclassificação seguimos a proposta por José Alves Sobrinho, com 19 grupos divididos conforme o conteúdo e o assunto. Os estudos a respeito dos temas mais recorrentes revelam que estes são os que reafirmam valores que fazem parte do cotidiano da sociedade, como afirmam os depoimentos de leitores de folhetos das décadas de 1930 e 1940 recolhidos por Galvão (2001), que são amor, justiça, luta, traição, falsidade, valentia e persistência.

A importância do humor, em detrimento da função pragmática de fornecer informações é ratificada por Galvão (2001), enquanto elemento essencial para o despertar do interesse dos leitores, configurando-se como um aspecto ativo no cerne das temáticas mais recorrentes nos folhetos de cordel.

MANOEL MONTEIRO:

Manoel Monteiro, natural de Pernambuco e radicado na Paraíba há 50 anos, foi, de início, vendedor de folhetos e, mais tarde, tornou-se um autor profícuo, até configurar-se hoje como o principal produtor e incentivador da Literatura de Cordel na região da Paraíba e um dos mais importantes do país.

A participação em projetos de incentivo à Cultura, além da defesa de algumas bandeiras, principalmente no que diz respeito à utilização do folheto de cordel em sala de aula, nos fornecem pistas para o reconhecimento do que se compreende por *leitor implícito* de seus folhetos. A diversidade de temas abordados em sua produção possibilita, por sua vez, o reconhecimento de classificações citadas por Alves Sobrinho (2003) e a reflexão sobre as diferentes abordagens das temáticas exploradas.

A obra do poeta Manoel Monteiro é vastíssima e de uma notável riqueza de temas. Para atender aos objetivos propostos por nossa pesquisa, utilizamos um *corpus* composto por 70 títulos de folhetos, número que não compreende todas as publicações do poeta, mas corresponde em sua maioria às obras que podem ser encontradas à venda e compõem hoje o acervo de nossa pesquisa.

Para proceder à análise dos folhetos de Manoel Monteiro, criamos uma categorização para reunir os folhetos que apresentam aspectos de maior ou menor definição de seu leitor, a fim de facilitar as reflexões sobre sua obra. Para esta definição foram considerados principalmente a defesa que o poeta faz da presença da Literatura de Cordel na escola expressa através dos aspectos pré-textuais, como as referências a esse público, nas capas e contracapas dos folhetos. Outro fator definidor a ser considerado em nossa análise é a presença de textos introdutórios em grande parte dos folhetos deste autor.

A primeira divisão de nosso *corpus* consiste em dois grupos: os que apresentam referência à Literatura de Cordel na escola e os que não apresentam:

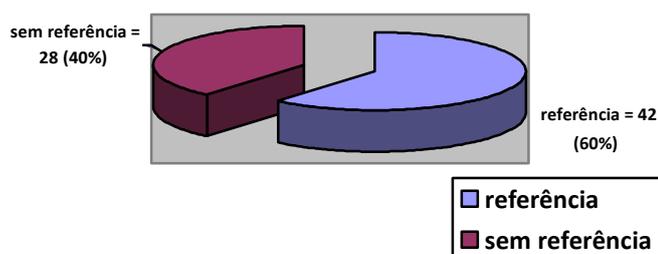


Figura 1 = Ausência e Presença de referências à escola nos folhetos

Em relação à primeira divisão dos folhetos, considerando os elementos pré-textuais dos folhetos, o primeiro grupo compõe-se de 42 folhetos, ou 60%, que contém qualquer referência à escola, enquanto o segundo é formado por 28 folhetos, ou 40%, que não apresentam nenhuma referência à escola.

Esta predominância de referências à escola nas capas e contracapas dos folhetos é um elemento de confirmação da nossa hipótese sobre o direcionamento da produção de Manoel Monteiro preferencialmente à escola, por conta do seu empenho na difusão do que chama de “Cordel Novo” e a respeito do qual, em nossas contínuas entrevistas desde o ano de 2006, durante o desenvolvimento do projeto “Literatura de Cordel: Autores Paraibanos”, o poeta se posiciona favoravelmente, além de concentrar esforços para que a introdução dos folhetos na escola aconteça de forma sistemática e acabe por ser incorporada ao currículo das disciplinas como fonte conteudística.

Dentre os folhetos que apresentam as referências ao folheto de cordel na escola, observamos que 02, ou 05% dos folhetos, apresentam textos introdutórios que fazem referências à escola, enquanto 39, ou 95% dos folhetos, trazem apenas uma referência na contracapa do folheto que visa promover o uso do folheto na escola:

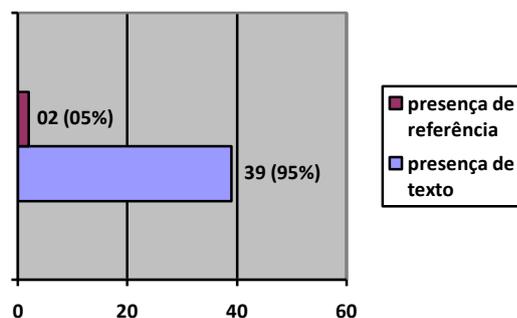


Figura 2 = tipo de referência à escola

As referências à escola são numerosas na obra de Manoel Monteiro, o que demonstra indícios de uma padronização editorial de suas capas, mas também remete à definição de seu público escolar. Já os folhetos que apresentam pequenos textos introdutórios, que ocupam as contracapas dos folhetos, são raros e não remetem diretamente à já referida concepção de Novo Cordel, o cordel na escola, defendida pelo autor, mas fazem referência às temáticas desenvolvidas em cada um deles.

Os dois folhetos que compõem esse grupo, *Poesia Popular – de ler e brincar* e *Padre Inácio Rolim*, fazem referência a escolas diferentes. O primeiro folheto traz um texto explicativo sobre a sua origem: uma oficina de literatura de cordel realizada com os alunos da UEI- Unidade de Educação Infantil, da Universidade Federal de Campina Grande em 2000, e, no final do texto, apresenta o elemento de ligação com a escola, já referido anteriormente, quando o autor observa:

poesia tem gosto de mel e perfume de rosas. Não é por acaso que o FIC – Fundo de Incentivo à Cultura – Augusto dos Anjos, neste ano de 2007, está patrocinando o nosso Projeto: PARAÍBA GRANDES NOMES... **onde um maior número de alunos paraibanos terão um noviciado auspicioso com o filão de ouro dos cordéis.** A memória de Leandro estará sendo perpetuada nos continuadores de sua obra. (MONTEIRO, 2007 s/n) (grifo nosso)

O comentário do autor esclarece para quem ele escreve: os alunos paraibanos, que serão também os destinatários de seu novo projeto. Entretanto, esta informação não delimita suficientemente o seu leitor, visto que o termo “alunos paraibanos” compreende o público do ensino fundamental até, no mínimo, o ensino médio, ou mesmo os alunos de nível universitário.

No folheto *Padre Inácio Rolim*, observa-se o seguinte parágrafo no texto introdutório: “O objetivo principal deste PROJETO é possibilitar que os Professores tenham em mãos um material de fácil absorção pelo seu alunado. Se conseguir, estarei pago.” (MONTEIRO, 2004 s/n). Mais uma vez o poeta define o seu público e, evidentemente, indica o perfil de seu *leitor implícito*. Esta subcategoria compreende, então, os folhetos que, nomeadamente, têm como leitor abstrato o aluno, e, é válido ressaltar, tem como ambiente de leitura a sala de aula.

A segunda categoria de análise, os folhetos que possuem apenas uma vaga referência à escola, inclui folhetos de temas e projetos diferentes. Os 39 folhetos parecem atender ao modelo editorial desenvolvido pelo poeta e trazem, no verso, uma frase que remete à escola, com as seguintes fórmulas, ou sentenças:

Nº	SENTENÇA	Nº de folhetos	Porcentagem m aproximada ³
01	“Para criar no aluno o hábito da leitura, o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel”	22	60%
02	“O cordel facilita o trabalho do professor na sala de aula”	10	24%
03	“Professores, utilizem o cordel em sala de aula e surpreendam-se com os resultados obtidos!”	04	10%
04	“Senhores professores: utilizem o cordel em sala de aula e surpreendam-se com o aproveitamento”	01	2%
05	“A Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande, instituiu em toda escola da rede pública um acervo de cordel. Parabéns Secretário Pedro Lúcio. Parabéns Prefeita Cozete Barbosa”	01	2%
06	“Expressão cultural do nosso povo: o cordel pode ser uma excelente	01	2%

³ Para efeito de didatização dos dados, optamos por utilizar valores percentuais inteiros, da forma mais próxima possível ao resultado exato.

ferramenta paradidática na sala de aula, não só pela sua importância cultural e pela rica estrutura de ritmo, métrica e rima, como também para promover debates e discussões a respeito das formas de falar e pensar de nosso povo e reatar definitivamente os laços do aluno com a verdadeira cultura brasileira.”		
---	--	--

Considerando o número de folhetos que empregam a primeira sentença, cerca de 60%, é possível afirmar que a sentença “Para criar no aluno o hábito da leitura, o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel” se configurou como fórmula editorial, apesar de não ter se esvaziado no que se refere à caracterização do *leitor implícito*, visto que pressupõe a leitura dos folhetos por este público. A expressão pode ser observada na figura abaixo:

The image shows the back cover of a cordel (booklet) for 'Tabua de Carne RESTAURANTE'. The cover is divided into several sections. At the top, it features the restaurant's logo and name. Below that, it lists contact information for three locations: Alto Branco, João Pessoa, and Natal. A central section contains the text 'Para criar no aluno o hábito da leitura, o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel.' followed by 'CORDELARIA POETA MANOEL MONTEIRO' and details about their cordel collection. At the bottom, there is a logo for 'GRAFICA MARTINS' and a list of services offered, such as fiscal stamps, adhesives, and color photos.

Figura 1: quarta capa do folheto “Salvem a fauna! Salvem a Flora! Salvem as Águas do Brasil”

A segunda assertiva também indica a concretização de uma fórmula editorial. A quarta capa se organiza da seguinte forma: patrocínio, sentença a respeito do uso do folheto na escola, seguida do endereço da cordelaria e/ou da tipografia, estes dois últimos componentes podem se inverter. Dentre os 10 folhetos que correspondem a 24% deste grupo, 03 folhetos trazem o patrocínio do FIC- Fundo de Incentivo à Cultura – Augusto dos Anjos, e fazem parte do projeto intitulado PARAÍBA GRANDES NOMES: A Xilogravura e o Cordel.

O terceiro grupo, formado por 04 folhetos, volta-se para a escola, mas dirige-se ao professor, também um *leitor implícito* destes folhetos. Tacitamente, o poeta identifica o aluno como leitor dos folhetos, na medida em que considera que o professor se surpreenderá com os resultados obtidos, que não podem ser obtidos com outro público a não ser os seus alunos.

Os três últimos grupos, formados por apenas um folheto cada, demonstram a liberdade do autor em fornecer marcas pré-textuais de identificação do *leitor implícito*, dentro dos modelos criados por ele próprio enquanto editor e autor. O primeiro, “Senhores professores: utilizem o cordel em sala de aula e surpreendam-se com o aproveitamento” configura-se apenas como uma reescrita da fórmula “Professores, utilizem o cordel em sala de aula e surpreendam-se com os resultados obtidos!”, assim as considerações a respeito do grupo anterior se aplicam a este.

O penúltimo grupo faz referência à ação, por parte do poder público, de incentivo à Literatura de Cordel na sala de aula, atendendo, assim, aos interesses específicos do autor, e possibilitando a chegada do folheto até o seu público, o aluno.

O último grupo apresenta um breve comentário acerca da Literatura de Cordel enquanto ferramenta paradidática, termo desenvolvido pelas editoras que visam à venda de obras literárias como uma ferramenta auxiliar dos livros considerados didáticos, e não como um escrito que tem um lugar privilegiado no espaço escolar. O comentário revela também que o folheto é direcionado ao público escolar, com o objetivo particular de reatar “os laços do aluno com a verdadeira cultura”.

Nesta última referência o autor revela mais sobre esse seu *leitor implícito* do que nos outros comentários, por conta da sua especificidade na descrição do que ele compreende por cordel, e dessa forma pode-se concluir que o *leitor implícito* deste texto é o aluno que precisa de informações culturais e estéticas sobre esta literatura e desenvolve suas capacidades reflexivas e argumentativas.

Os 28 folhetos, ou 39%, que não apresentam referências pré-textuais são, em sua maioria, folhetos escritos por encomenda. Considerando esta informação, decomposemos este grupo em *folhetos por encomenda* e *folhetos livres*:

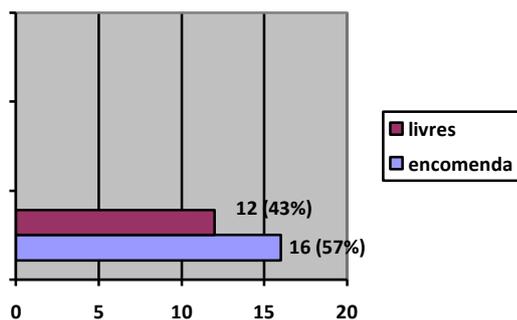


Figura 3 = folhetos por encomenda ou livres

Os folhetos por encomenda⁴, como o próprio termo esclarece, são os folhetos escritos a pedido e patrocínio de uma pessoa ou instituição, que contrata o autor e define a temática e até mesmo outros aspectos, como o seu tamanho, diferente do folheto livre, que é produzido por iniciativa do autor.

Os folhetos escritos por encomenda, em sua maioria, não podem trazer as diretrizes de leitura selecionadas pelo autor, mas apresentam também aspectos que definem o seu *leitor implícito*, visto que são escritos para atender a um determinado propósito, são produzidos em uma tiragem limitada e distribuídos a um público bastante específico.

Dentre os folhetos escritos por encomenda, há 04 folhetos que fazem parte do projeto PARAÍBA, SIM SENHOR!, cuja iniciativa foi do autor, fomentada pelo Programa BNB de Cultura – edição 2005, e representa um total de 25% dos folhetos deste grupo:

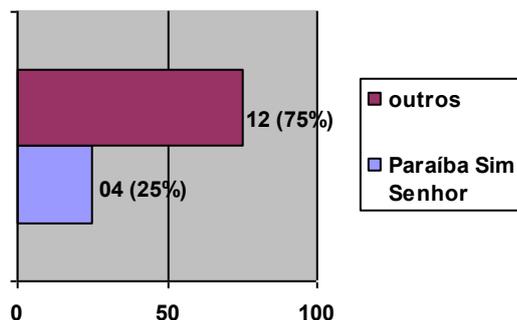


Figura 4 = divisão dos folhetos por encomenda

Os folhetos por encomenda do projeto PARAÍBA, SIM SENHOR! Versam sobre personalidades paraibanas e têm um tipo peculiar de *leitor implícito*: o leitor de folhetos em formação, de acordo com o texto introdutório da coleção escrito por Bruno Gama Fortes, assessor de comunicação do BNB:

em articulação com as políticas do Governo Federal para a Cultura, o programa está focado na necessidade de acesso da comunidade nordestina aos bens culturais, na formação de novas platéias e de cidadãos nordestinos críticos e conscientes, bem como na ampliação e na democratização das oportunidades de criação, circulação e fruição dos bens culturais. (FORTES In MONTEIRO, 2005 s/n)

Os folhetos por encomenda que não fazem parte do projeto apresentam elementos definidores do *leitor implícito* e versam sobre assuntos variados, e são financiados por pessoas ou organizações que pressupõem leitores diferenciados e consistem em elementos variados, desde uma família até os folhetos apoiados pela Prefeitura Municipal de Campina Grande:

⁴ O termo *encomenda*, por nós utilizado, não carrega um tom de crítica ou desmerecimento da produção do autor, visto que a encomenda é comum em todas as instâncias da produção literária e não representa, necessariamente, uma menor qualidade da obra em relação às produções livres.

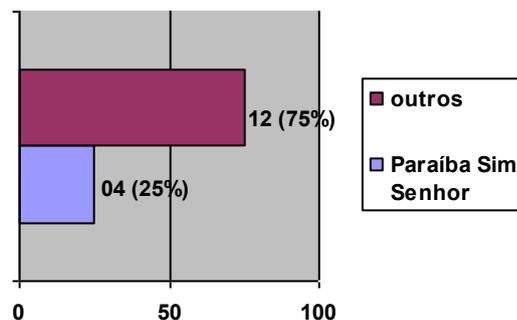


Figura 5 = patrocínio dos folhetos

Dos folhetos patrocinados pela prefeitura municipal, 03 versam sobre temas ligados ao São João de Campina Grande e 02 informam a respeito o de temas que auxiliam a manter a organização social: o PROCON e a Luta antimanicomial. Os folhetos que estampam o símbolo da prefeitura traçam o perfil de um leitor que busca informações, sejam turísticas, assumindo um caráter de divulgação, principalmente no que tange aos bens culturais, ou de cunho mais prático, como o folheto “O PROCON sem mistério nos mistérios do cordel”.

Três dos demais folhetos escritos por encomenda desenvolvem temas direcionados a um público mais específico que os patrocinados pela prefeitura, pois seu objetivo é tratar da História da família Pinto, do aniversário da Federação Nacional de Hotéis, Restaurantes e Similares, e do Seminário sobre jogos eletrônicos, educação e comunicação. Os outros 04 folhetos tratam de temas de interesse geral e atendem a objetivos de difusão de informações, sejam culturais, sejam relacionadas à saúde ou ao desenvolvimento econômico.

Os doze demais folhetos não fazem qualquer referência pré-textual que nos auxilie a encaixá-los em uma categoria de definição do *leitor implícito* e representam casos isolados em que o leitor é definido pela temática abordada no folheto de cordel.

A seguir apresentamos a lista dos folhetos e a sua classificação quanto à presença de referências ao leitor:

- Folhetos que fazem referência ao folheto na escola:
 - Folhetos que apresentam textos introdutórios a respeito do folheto na escola:
 1. Padre Inácio Rolim – Mestre-escola e Cientista;
 2. Poesia Popular – de ler e brincar;
 - Folhetos que apresentam apenas uma referência à escola:⁵

- Fórmula nº1:

1. Viva São João! Sem fogueira e Sem balão;
2. A Culinária Caprina;
3. A evolução do papel;
4. A vida do Padre Cícero;
5. Ah! Que saudade danada do sertão de antigamente;
6. Campina dos meus amores;
7. Cartilha do diabético;
8. Celso Furtado – o inimigo da fome;
9. Chateaubriand – Deus e Diabo do Cariri de Umbuzeiro;
10. Ganhar dinheiro é fácil, basta ler este cordel;
11. Lampião ...era o cavalo do tempo atrás da beta da vida;
12. Leandro Gomes – o rei do cordel;
13. No vai e vem do amor;
14. O crime da sombra misteriosa;
15. O Poder das plantas na cura das doenças;
16. O preço da soberba ou a mãe desnaturada;
17. Pedro Américo – o gênio de Areia;
18. Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro;
19. Salve a fauna! Salvem a flora! Salvem as águas do Brasil!
20. Um paraíso azul chamado Brasil;
21. Uma tragédia de amor – ou a louca dos caminhos;
22. Zé Lins do Rego – um menino de engenho;

- Fórmula nº 02:

⁵ Consultar a tabela anterior para observar a fórmula de referência.

1. Cantiga dos 15 anos – versos para Samanta;
 2. Exaltação à cachaça e Todo homem tem na vida um passado a recordar;
 3. Marinês – a imortal rainha do forró;
 4. O galo cagão e o peido do gambá;
 5. O holocausto dos homens nus;
 6. O homem do pinto grande;
 7. O vingador da honra ou o filho justiceiro;
 8. Quer escrever um cordel? Aprenda a fazer fazendo...
 9. Stênio Lopes- um menino do interior e... suas lembranças;
 10. Ritinha Suassuna – uma fortaleza de mulher!
- Fórmula nº 03:
1. As aventuras do filho de Antonio Cobra Choca;
 2. Contaram-me e conto para vocês uma lenda do povo caiapó e A discussão do ensino antigo com o ensino moderno (Afrânio G. de Brito)
 3. Exaltação à cachaça;
 4. Manual de Primeiros Socorros;
- Fórmula nº 04:
Danças e festas brasileiras;
- Fórmula nº 05:
Quatro poemas de corno
- Fórmula nº 06:
A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia e Cartas trocadas;
- Folhetos que não fazem referência à escola:
 - Folhetos por encomenda:
- Projeto PARAÍBA, SIM SENHOR!:
1. Aluízio Campos – um homem de idéias e realizações;
 2. Augusto dos Anjos – o poeta do infortúnio;
 3. D. Ariano Suassuna – senhor das iluminogravuras;
 4. José Américo – ministro das secas e pai da bagaceira;
- Demais folhetos por encomenda:
Patrocinados pela Prefeitura Municipal de Campina Grande:
1. A Bodega Santo Antonio;
 2. Conheça o Enigma das Inscrições Rupestres do Lajedo Pai Mateus;
 3. Novos tempos para o doente mental – cuidar sim – excluir não;
 4. O PROCON sem mistério nos mistérios do cordel;
 5. Venha viver em Campina o maior São João do mundo;
- Temas específicos:
1. Os 50 anos da FNHRBS comemorados em cordel;
 2. Os games na escola;
 3. Um retrato de família – a Epopéia dos PINTO de Portugal ao Brasil;
- Temas variados:
1. João Pessoa- parabéns! Cidade dos olhos verdes;
 2. O milagre do algodão colorido;
 3. Quem não usa camisinha ganha terno de madeira;
 4. SIVUCA – o deus loiro da sanfona;
- Folhetos livres:
 1. A Grande peleja de Pinto com Lourival;
 2. A história de Fred ou a obsessão das águas;
 3. A revolta dos pretos;
 4. Buda, o iluminado – nascimento, vida e morte;
 5. Maria Garrafada – mestra do amor, pecadora e santa;
 6. Nova História da Paraíba;
 7. O Brasil idoso – um país de cabelos brancos;
 8. O Holocausto dos homens nus;
 9. O Segredo das pedras;
 10. Pinóquio ou o preço da mentira;
 11. Uma lenda do povo Caiapó;
 12. Uma longa viagem- de Campina à Santa Teresa;

A respeito das temáticas dos folhetos de nosso *corpus*, observamos que os folhetos tratam, segundo a classificação proposta por Alves Sobrinho (2003), de *histórias de inspiração não-popular, castigos,*

conselhos, entre outros. Entretanto, os folhetos apresentam, sobretudo, temas que não se enquadram na classificação tradicional de Alves Sobrinho (2003) e são classificados por Manoel Monteiro como representantes do *Novo Cordel*, além de serem numerosos também os folhetos que narram a vida de alguma personalidade de renome, em várias instâncias, desde a política, nos quais o poeta se atém principalmente aos fatos reais, até a narrativa da vida de Lampião. A seguir observaremos a classificação dos 70 folhetos por tema, dos quais as oito (08) primeiras se referem à classes citadas por Alves Sobrinho (2003) e as duas últimas são novas classificações propostas por Manoel Monteiro:

Tema	Nº de folhetos
Peleja	02
Conselho	01
Castigo	02
História de Inspiração Popular	01
História de Inspiração Não-popular	02
Miscelânea	07
Sociedade	02
Reportagem* (histórias baseadas em fatos reais)	05
NOVO CORDEL- narrativas conteudistas	29
Narrativas Biográficas	19

Os temas que tradicionalmente são visitados pelos autores de folhetos de cordel somam apenas 32% de nosso *corpus*, enquanto os temas apresentados como novos representam 68% da amostra da produção do poeta desde o ano 2000.

Dentre os temas tradicionais, observamos que os folhetos que narram *histórias de inspiração não popular* refletem a preocupação do poeta em atrair leitores de narrativas clássicas, sobretudo as crianças, que se manifesta com a publicação crescente de folhetos que se encaixam nesta classificação. Apesar de encontrarmos apenas 02 folhetos em nosso *corpus*, durante a pesquisa continuamos a registrar as novas publicações do autor, que nos últimos meses publicou mais dois folhetos de inspiração não-popular, “A cigarra e a formiga” e “Chapeuzinho vermelho”, além de ter editado um livro com os versos de seu folheto “Pinóquio ou o preço da mentira” e preparar novos títulos referentes à essa categoria.

Os folhetos que se aproximam do que Alves Sobrinho (2003) registra na categoria “reportagem” apresentam a particularidade de consistirem geralmente em romances, ou seja, possuem cerca de 32 estrofes ou mais. Os demais folhetos, classificados em *peleja*, *conselho*, *castigo*, *história de inspiração popular*, *miscelânea* e *sociedade* não apresentam qualquer inovação quanto ao desenvolvimento dos temas e, provavelmente se dirigem ao público tradicional dos folhetos de cordel, além dos leitores interessados em desenvolver estudos a respeito dessa produção.

As duas últimas categorias têm recebido atenção especial do autor, que enfatiza seu interesse em ocupar novos espaços e atrair e formar novos leitores de literatura de cordel. No entanto, após inúmeras leituras e reflexões a respeito desses folhetos, consideramos que a classificação *Novo Cordel* reúne folhetos que se aproximam da classificação tradicional *Sociedade, Ciência e Reportagens*, visto que tratam de temas da atualidade, mas a abordagem se diferencia por conta do direcionamento para um público específico. Neste grupo estão folhetos feitos por encomenda, que têm destinatários especificados mesmo antes de sua produção, como também os folhetos escritos pelo autor com intuito de serem introduzidos em sala de aula. Durante os vários encontros com o poeta, registramos uma definição para o *Novo Cordel*:

o novo cordel é um cordel envolvido e está surgindo das ruas e das mãos de muitos poetas desses poetas agora, surgindo o novo cordel, aquele que é envolvido com o presente, que deixa de contar histórias da carochinha (...) é preciso, eu acho, que dada a importância que eu falei durante aquela nossa conversa que eu vejo eu acho que é um compromisso de prestar alguma colaboração para que nós tenhamos um amanhã melhor do que o hoje visto que ele... ele merece toda essa credibilidade, então é esse o novo cordel que eu chamo mas um cordel sem ser engajado comprometido com a camisa de um partido (MONTEIRO in FARIAS e PINHEIRO ALVES 2006)

Os contatos com o poeta nos ajudaram a constatar que boa parte de seu público leitor atual se encontra na academia, ou na escola. A partir dos próprios folhetos e dos diversos contatos com o poeta é possível traçar o perfil de seus leitores como pessoas que predominantemente atendem a uma dessas duas categorias a seguir: professores e alunos do ciclo básico de escolas que adotam os folhetos, conteudistas ou lúdicos, e os acadêmicos que realizam estudos acerca da produção do poeta e abrem novos espaços para a circulação dos folhetos.

No entanto, é óbvio que não iremos desconsiderar e deixar de citar o leitor tradicional dos folhetos, que também é representativo, de acordo com as informações do poeta, que também comercializa seus folhetos em sua Cordelaria, e de acordo também com os dados obtidos em nosso levantamento a respeito dos pontos de venda e folhetos comercializados na cidade de Campina Grande, que revelam que a venda para pessoas que não apresentam necessariamente uma ligação escolarizada com o folheto ainda é significativa na região, mesmo que atualmente estas pessoas não sejam mais os analfabetos e semi-analfabetos identificados na pesquisa realizada por Galvão (2001).

MARIA GODELIVIE

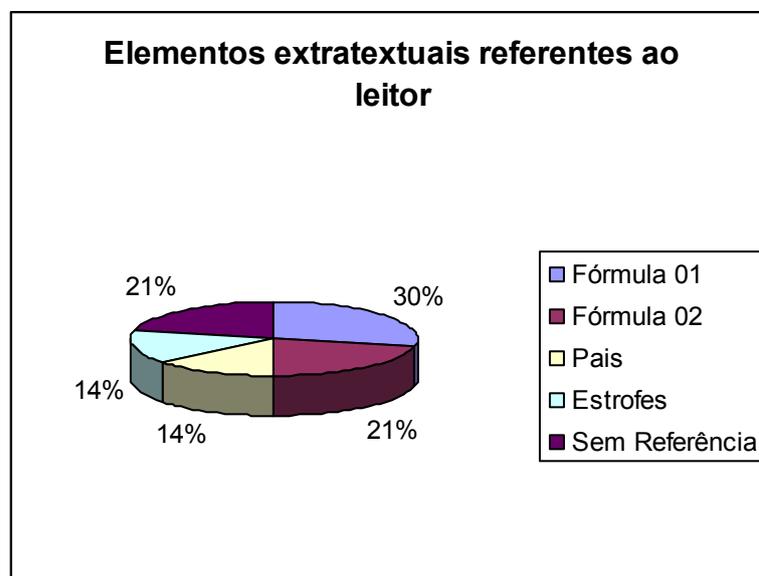
A poetisa Maria Godelivie Cavalcante de Oliveira é natural de Campina Grande, nascida no dia 14 de outubro de 1959. Ainda mora em sua cidade natal, na qual foi apresentada à Literatura de Cordel por seu pai, que a incentivou a se tornar, como ele, uma leitora de folhetos e freqüentadora assídua do espaço, na sua infância, mais tradicional para a venda dos folhetos, a feira central da cidade.

Durante os contatos proporcionados pela pesquisa, revelou que inicialmente se enxergava apenas como leitora e amante, mas passou a produzir versos que mais tarde se tornaram folhetos, enquanto cursava sua licença em Letras.

Ainda enquanto leitora tornou-se incentivadora da introdução do folheto de cordel no espaço escolar para a formação do aluno-leitor. Por conta deste interesse se aproximou do poeta Manoel Monteiro que, leu seus versos e passou a publicar e distribuir seus poemas através da Cordelaria Manoel Monteiro.

De acordo com a autora, seus folhetos têm o deleite por finalidade única, e exploram o humor retomado das narrativas mais antigas do gênero, e recontam fatos acontecidos ou de conhecimento popular. A autora considera que os novos leitores de folhetos de cordel só podem ser formados se o ponto fundamental de interesse nessa leitura for o prazer estético, mas observa, por experiência própria enquanto professora do ensino fundamental, que a leitura de folhetos em sala de aula é viável também por seu baixo custo e variedade de temas, estilos e autores.

O *corpus* de nossa pesquisa contém os catorze (14) títulos já publicados pela poetisa até o presente momento, todos publicados e distribuídos pela Cordelaria Manoel Monteiro. Por conta da organização do folheto ser realizada pelo poeta Manoel Monteiro, observamos que alguns folhetos da autora apresentam as mesmas fórmulas editoriais presentes nos folhetos de Manoel, enquanto alguns trazem versos ou nenhuma referência extratextual ao leitor:



Quatro títulos, ou 30% dos folhetos, repetem a fórmula 01 “O Cordel facilita o trabalho do professor em sala de aula”, outros três, ou 21%, apresentam a fórmula 02 “para criar no aluno o hábito da leitura, o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel”, dois deles, ou 14% de nosso *corpus*, dirige-se aos pais: “senhores pais: presentear seu filho com um cordel é melhor do que oferecer-lhe uma arma de brinquedo”, outros dois, ou 14% dos folhetos, trazem estrofes em lugar das propagandas habituais e três folhetos, ou 21% não trazem nenhuma referência ao leitor em suas capas.

Os folhetos que repetem as fórmulas editoriais criadas por Monteiro não refletem um direcionamento da narrativa, mas apenas constituem o padrão da capa, visto que as concepções de literatura e de leitora para estes dois autores são distintas. Maria Godelivie considera a leitura literária enquanto deleite, no que difere

de Manoel Monteiro que investe numa função mais pragmática ao interessar-se pela produção de folhetos conteudistas.

Ao todo estes folhetos somam nove títulos do nosso *corpus*, mas, como observamos anteriormente, não consistem em um direcionamento dado pela autora, e assim este fato que não colabora para a identificação de seus leitores implícitos ou reais. Os dois folhetos que apresentam versos, apesar de serem também de responsabilidade da casa editora e de autoria do poeta Manoel Monteiro, aproximam-se mais da concepção de leitura e de formação do leitor expostas por Maria Godelivie.

O primeiro se encontra na capa da edição de 2002 do folheto *O Gostosão* e traz uma lista dos pontos de venda de folhetos na cidade, em quatro setilhas setessilábicas, que indiciam que o folheto não interessa apenas ao público escolar, mas pode ser comprado nos mais diversos pontos da cidade e por qualquer interessado.

Algumas estrofes aparecem também na edição de 2003 do folheto *O Homem que beijou uma alma*. São três sextilhas que tratam sobre os benefícios da compra de um folheto, que são o divertimento e a aprendizagem fora e no interior da escola. Neste caso a concepção de leitura de folhetos de cordel veiculada na capa adequa-se à concepção da autora dos folhetos. Nas demais publicações não se encontra qualquer referência à leitura, e todos os espaços são ocupados com propagandas.

O leitor implícito dos textos de Maria Godelivie se aproxima da caracterização tradicional do leitor de folhetos apontada por Galvão (2001), e consiste em homens, mulheres e crianças da região, de cidades de pequeno e médio porte, mas devido ao panorama atual, não se restringem a analfabetos e semi-analfabetos. Entretanto, os títulos dos folhetos de Godelivie indiciam a sua inclinação para os temas feministas ou que correspondem a paradigmas sociais, o que foi confirmado durante as nossas entrevistas. A seguir apresentamos a lista dos folhetos de acordo com as referências extratextuais ao leitor:

- Fórmula 01:
 1. A galega do negrão;
 2. Chifrudos Associados;
 3. O velhote enxerido;
 4. Um marido duvidoso;
- Fórmula 02:
 1. A Ganância do Chifrudo;
 2. Ô Mulher Desnaturada;
 3. Tapa trocado Não dói – ou Chifre com chifre se paga;
- País:
 1. Eita! Paixão dos Diabos;
 2. Viagem à Santa Vontade;
- Estrofes:
 1. O Gostosão;
 2. O Homem que Beijou uma Alma;
- Nenhuma referência extratextual:
 1. A Vingança da Falecida;
 2. Amor no escuro;
 3. O “Doidinho” Bem Dotado ou O Tesão de Filomena;

Consideramos que é possível delinear o leitor implícito dos folhetos de Maria Godelivie pelo andamento que ela dá aos temas tratados em suas narrativas. Para comprovar esta hipótese realizamos uma análise dos folhetos em busca de classificar a produção da autora de acordo com a tradicional categorização apresentada por Alves Sobrinho (2003).

A autora considera que sua obra parte de inspiração popular, o que se confirma visto que treze (13) dos folhetos podem ser incluídos neste grupo, enquanto apenas um, o “Viagem à Santa Vontade” se aproxima do que Alves Sobrinho (2003) considerado como história de inspiração não popular, pois se trata da recriação do enredo, já consagrado na literatura universal popular e canônica, de descrever o lugar fantástico no qual todos os sonhos do autor/narrador se realizam.

Entretanto, devido a peculiaridade destes folhetos de se assemelharem à produção do início do século, tanto por recontarem histórias de conhecimento popular, quanto pela constituição das narrativas, além de apresentarem sempre a peculiaridade da “moral da história”, é possível considerar que doze (12) dos folhetos se incluem na classificação *castigos e exemplos*, dos quais apenas “Viagem à Santa Vontade”, novamente, e “Chifrudos Associados” não fazem parte desta classe e podem ser incluídos em *Miscelânea*.

As nossas pesquisas revelam que os leitores dos folhetos de Maria Godelivie são, em grande número, alunos do ensino fundamental das escolas estaduais campinenses. A autora também é alvo de estudos acadêmicos, mas é necessário salientar que, diferente da produção de Manoel Monteiro, as obras de Maria Godelivie não são direcionadas para a sala de aula, não tratam de conteúdos escolarizados, mas de experiências humanas, e, através do riso, são utilizadas no espaço escolar geralmente para formar leitores, por conta do baixo custo de produção e comercialização dos folhetos, e quebrar paradigmas ponde em discussão temas de importância presentes no cotidiano de seus alunos.

Os títulos que apresentam notadamente esta característica, que segundo a autora pode ser considerada como uma bandeira contra o machismo e o preconceito da sociedade, são “Ô mulher desnaturada”, “O ‘Doidinho’ bem dotado, ou o Tesão de Filomena”, “A Galega do Negrão”, “Amor no Escuro” e “O Gostosão”, e ainda há alguns folhetos que denunciam comportamentos sociais da atualidade, como “A Ganância do chifrudo”, “Um marido duvidoso” e “O velhote enxerido”.

Os leitores que estão fora do ambiente escolar consomem os folhetos nas bancas de revista da cidade, em algumas livrarias e nos demais pontos de venda da Cordelaria Manoel Monteiro e observa-se que os estes folhetos possuem um maior volume de vendas. É necessário considerar ainda que a autora revela que escreve para nutrir seu desejo de realização e por isso costuma distribuir os folhetos entre amigos e alunos, seu maior público leitor, e assim raramente mantém a relação de comercialização dos folhetos como Manoel Monteiro.

JANDUHI DANTAS

O poeta Janduhi Dantas Nóbrega nasceu em 16 de julho de 1964, é natural e vive em Patos, estado da Paraíba. Desde a década de 1980 é um dos principais nomes dos movimentos sociais e culturais da região. Leciona a disciplina de Língua Portuguesa em escolas e cursinhos pré-vestibular em Patos e cidades circunvizinhas e é autor de folhetos de cordel, dramas e um livro.

Assim como Maria Godelivie, Janduhi Dantas costuma apresentar ensinamentos morais no final de suas narrativas, além de trazer à discussão questões sociais relevantes, a partir da abordagem de temas ligados à ética através de um viés cômico, à semelhança da autora já citada, e algumas vezes guarda um tom irônico. O imaginário cristão também é marcante em seus folhetos

Tivemos acesso a seis dos folhetos produzidos pelo autor desde o ano 2000, dentre os quais estão seus títulos mais representativos e reconhecidos na região. Seus folhetos não trazem referência ao leitor na quarta capa, o que o diferencia da formatação realizada na Cordelaria Manoel Monteiro.

Encontramos, como elementos extratextuais referentes ao público leitor, duas estrofes, escritas por Janduhi, endereçadas aos empresários que porventura possam ler seu folheto, mas não há referência ao incentivo à leitura, mas as sextilhas procuram convencer o empresário a investir no folheto fazendo propaganda nele. Esta situação indica primeiramente que há uma boa circulação do folheto, o que acarreta a visibilidade da propaganda, e indica ainda que estes empresários fazem parte do público leitor, visto que o apelo se encontra na contracapa posterior.

Os folhetos se iniciam dirigindo-se ao leitor, identificando-o como amigo do narrador. Em apenas um dos folhetos, em “O enterro da papa-hóstia da língua grande demais” não ocorre essa identificação na primeira estrofe. A seguir é possível observar a expressão utilizada para aproximar-se do leitor, que fornece indícios sobre este leitor, que podemos inferir que seriam pessoas semelhantes ao poeta, como no caso de Maria Godelivie, se aproximando do perfil tradicional de leitor, que encerra homens, mulheres e crianças, atualmente, em sua maioria, escolarizados e que mantém uma relação não-escolar com a leitura de folhetos de cordel:

Nº	Título do folheto	Verso
01	A alma do senador que caiu na lábria do cão	“leitor amigo”
02	A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99	“meus amigos”
03	O aluno inteligente e os colegas ignorantes	“caros leitores”
04	O homem mais importante aos olhos do Senhor	“Leitores”
05	Peleja da carta com o e-mail	Caro leitor
06	O enterro da papa-hóstia da língua grande demais	-----

Mesmo em um número reduzido de obras é possível perceber os indícios que revelam a que leitor o autor pretende se dirigir. Os dois primeiros folhetos tratam de temas não escolares, apesar de serem atuais, mas são bastante cômicos, visam a crítica e não se destinam necessariamente apenas à escola, e assim o autor se aproxima mais desse leitor que pode ser seu amigo ou, como já observamos, qualquer leitor de folhetos. Os três folhetos seguintes têm um cunho mais didatizante. Os folhetos número 03 e 04 são ensinamentos, enquanto o número 05 consiste em um folheto dedicado ao desenvolvimento de um conteúdo. O último folheto se aproxima dos dois primeiros, considerando a sua temática.

Os temas dos folhetos, como se percebe na tabela acima, são próximos à classificação tradicional e se enquadram em *castigos e exemplos*, números 01,02 e 06, *ciência*, número 05, *história de inspiração não popular*, número 03, e *história de inspiração popular*, número 04.

Os leitores dos folhetos de Janduhi Dantas podem ser identificados com essa classificação de suas obras, a partir do tratamento dispensado ao seu leitor. Constatamos que, assim como Maria Godelivie, o

fato do poeta ser professor de Língua Portuguesa, influencia na formação de leitores de folhetos de cordel, mas sua obra não se restringe apenas a esse público.

Janduhi Dantas escreve para diferentes públicos, mas direciona para cada um deles um tipo de produção. A publicação de seu livro também reflete seu comprometimento com a função que a literatura produzida por ele vai desempenhar, já que seu livro “A Gramática no Cordel” teve como elemento desencadeador o desejo de auxiliar os filhos a apreenderem as regras gramaticais. O cunho pragmático também se apresenta nessa produção e identifica o leitor enquanto possível comprador em uma situação determinada, seja no âmbito escolar, seja na praça, mas nunca a obra é apresentada da mesma forma.

CONCLUSÕES

Ao observar três dos autores mais representativos da Literatura de Cordel na Paraíba percebemos diferentes concepções de leitura e de inserção do folheto de cordel no “novo espaço”, que agora se configura como a escola. Diferente de Maria Godelivie, Janduhi Dantas e Manoel Monteiro produzem folhetos para diferentes espaços, e para um público diverso, apresentando assim diferentes facetas de sua obra.

Maria Godelivie e Janduhi Dantas tem em comum a despreocupação com a divulgação e venda do chamado *cordel novo* de Manoel Monteiro e a preferência pela narrativa ácida e recheada de humor, com a qual expõem a sociedade e tentam formar leitores cidadão capazes de perceber as mensagens irônicas contidas nos folhetos, discutirem a respeito do assunto e formarem uma opinião.

Deslocando o nosso olhar das concepções dos autores sobre leitura e sobre os seus próprios leitores, não podemos deixar de citar, tratando de leitores reais, da venda para turistas, que também foi registrada por nós, até mesmo por conta da localização de alguns pontos de venda, em locais centrais, como as praças da cidade, em lojas de artigos para presentes e ainda em pontos de venda especiais nos locais em que se realizam festas típicas, a exemplo do São João, além de espaços como restaurantes tradicionais da cidade.

Foi possível observar ainda que as diferenças entre os leitores atuais dos folhetos e os leitores tradicionais, no que tange principalmente ao leitor-aprendiz em idade escolar, se refletem também na mudança dos espaços de venda. A Feira Central que foi o grande espaço de vendas até as década de 1960 e 1970, atualmente nem sequer comporta vendedores ou pontos de venda, enquanto os folhetos são encontrados principalmente em livrarias, sebos, bancas de revista e na Cordelaria Manoel Monteiro.

Após esta reflexão a respeito das obras destes poetas e de sua circulação a partir do viés da leitura, consideramos que não é possível também fazermos referência à qualidade estética literária das obras, nem atribuir um valor a estes folhetos nem aos conteúdos por eles veiculados. Outro ponto ainda em aberto, que esta pesquisa não procurou responder, mas é de grande valia para o leitor pesquisador, que pensa o folheto no âmbito da literatura, é a seguinte a questão: apenas o fato de ter como destinatário a escola, os alunos e os professores, garante a formação do leitor?

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHETOS CITADOS

MONTEIRO, Manoel. **Padre Inácio Rolim**. Campina Grande: Cordelaria Manoel Monteiro. 2004.

MONTEIRO, Manoel. **Poesia Popular- de ler e brincar**-.Campina Grande: Cordelaria Manoel Monteiro. 2007.

FORTES, Bruno G. Palavra do Banco. In: MONTEIRO, Manoel. **José Américo – Ministro das Secas e Pai da Bagaceira**. Campina Grande: BNB, Governo Federal e Secretaria de Educação, Esporte e Cultura de Campina Grande. 2005.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado as Letras. 1999.

ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de Pobre. In: **Literatura e Sociedade 2**. São Paulo: USP/ CAPES/ CNPq, 1997. pp. 160-169.

_____. Aprendendo a apreender a cultura popular In: PINHEIRO, H. (org.). **Pesquisa em Literatura** Campina Grande: Bagagem: 2003. pp. 83-118.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de Cordel no Nordeste do Brasil**: da história escrita ao relato oral. Natal: EDUFRN, 2006.

CAVALLO, G. & CHARTIER, R. **História da Leitura no Mundo Ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1997. Coleção Múltiplas Escritas.

FARIAS, Alyere S e PINHEIRO ALVES, José Hélder ; **Literatura de Cordel**: Autores Paraibanos. Relatório final apresentado ao PIBIC. Campina Grande, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GARCIA-CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo .EDUSP, 2003.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervat. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

